

Escassez – O número não é preciso, mas estimativas de várias fontes consultadas dão conta que as montadoras instaladas no Brasil empregam 120 mil funcionários e os fornecedores da cadeia automotiva outras 215 mil pessoas. “Pouco mais de 10% dessa mão-de-obra é composta por engenheiros, sendo que de 2 mil a 2,5 mil entraram no mercado nos últimos dois anos”, calcula Vilmar Fistarol, presidente da SAE Brasil e diretor de compras da Fiat.



Pedro Manuchakian

Ou seja, existem pouco mais de 30 mil engenheiros de alguma forma ligados à indústria automotiva no Brasil. Poderia ser mais: há movimento de consolidação de centros de desenvolvimento em quase todas as montadoras instaladas no País, que passaram da fase da tropicalização de modelos projetados lá e vendidos aqui, para a construção peça a peça de novos veículos. Não só montadoras, mas também fornecedores, especialmente os fabricantes de sistemas automotivos, intensificaram pesquisas e desenvolvimento no Brasil, principalmente nas áreas de sistemas de combustíveis alternativos e novos materiais mais amigáveis ao meio ambiente. No entanto, a oferta de mão-de-obra não acompanha a crescente demanda.

A maior dificuldade está em encontrar engenheiros totalmente preparados. E os motivos são os mais diversos: grade curricular na graduação que não acompanha a evolução tecnológica, poucas universidades com foco na formação de engenheiros automotivos, falta de equipamento, até engenheiros que saem da faculdade sem falar inglês, hoje pré-requisito para qualquer vaga no setor.

“Não há planejamento: a necessidade de experiência em campo para ontem dificulta a formação mais qualificada. Exigem que os alunos conheçam as mais variadas ferramentas que cada fábrica utiliza. Por isso existe falta de engenheiros no mercado. Nesse perfil que eles querem tem mais vaga do que profissional”, avalia Ronaldo Salvagni, engenheiro e coordenador do Centro de Engenharia Automotiva da Escola Politécnica da USP.



Luc de Ferran

As montadoras tentam amenizar a escassez de engenheiros promovendo parcerias com universidades, mesmo assim os resultados ainda são insuficientes para preencher as vagas disponíveis na indústria. “Essa maior interação da empresa com as universidades nos últimos quatro, cinco anos, dará resultado lá na frente. Seremos mais competitivos, sem dúvida. Mas o grande problema é agora. Temos evasão de 30% a 50% de alunos nos primeiros anos do curso de engenharia. Se atacarmos a falta de interesse do aluno resolveremos o problema da falta de mão-de-obra”, analisa Luc de Ferran, engenheiro responsável por tocar a